

# A IMPORTÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



## MARIA MADALENA PEDROSA RAMALHO

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação Paulistana (FAEP), concluída em 2021. Segunda Graduação em Educação Especial, pela UNICV, em 2025. Pós-graduada em Arte de contar histórias, pela Faconnect em 2024..

## RESUMO

Contar uma narrativa difere de ler um relato, e no ambiente educacional há espaço para ambas as atividades. O narrador reimagina a história junto à plateia. Ele mantém certos elementos do texto, mas adapta-o conforme a interação que ocorre com os ouvintes. Por outro lado, o leitor de histórias dá voz ao texto, respeitando a forma linguística da narrativa e as opções de palavras do autor. Frequentemente, a narração de histórias abre portas para diversas abordagens do texto contado. Praticada em diferentes estilos e locais, na escola desempenha um papel crucial, despertando o interesse dos estudantes e cultivando a paixão pela leitura de obras literárias. Uma narrativa pode comover e surpreender o ouvinte pela maneira como é apresentada. É sabido que as crianças experimentam vivências marcantes e memoráveis no ambiente escolar. A narração de histórias representa uma dessas experiências que ajudam a manter o apreço pela literatura além da infância. Logo, é fundamental proporcionar às crianças oportunidades de ouvir diversas narrativas, sejam elas lidas ou contadas de cor. Qualquer educador tem o potencial de se tornar um narrador de histórias. Inicialmente, basta que ele explore diversas narrativas para os estudantes. Gradualmente, ele se familiariza com as histórias e passa a desejar contar aquelas que mais lhe agradam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitor de Histórias; Interação; Narração.

## INTRODUÇÃO

Quando compartilhamos uma narrativa, os conflitos e desafios internos emergem, levando a criança a frequentemente solicitar que a história seja recontada.

A prática da leitura e da escrita é crucial para a construção social do indivíduo, sua formação como cidadão e sua capacidade de ser um agente transformador e realizador.

A literatura representa um dos mais expressivos desejos humanos contínuos por conhecimento e domínio sobre a vida, uma característica que atravessa todas as épocas. Essa ânsia permanece latente nas narrativas populares transmitidas desde tempos remotos. Fábulas, alegorias, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos humorísticos, romances, contos fantásticos e os contos de fadas, entre outros.

A arte de contar histórias também fortalece os laços afetivos entre professores e alunos. A proximidade entre educador e educando é um fator que facilita o processo de ensino-aprendizagem (LEITE, 2012).

Essas diversas formas de narrativa têm suas raízes nas tradições dos povos antigos, que, mescladas, transformadas e difundidas, se espalham por todo o mundo, mantendo-se como uma rede que abrange todos os cantos do globo.

Segundo Coelho (2000), a literatura infantil, primeiramente, é literatura e, portanto, arte: um fenômeno de criatividade que retrata o mundo, o ser humano e a vida por meio das palavras, unindo sonhos e realidade, onde o imaginário se confunde com o real, os ideais e sua possível realização.

À medida que as crianças crescem, é essencial que aprendam a se compreender melhor passo a passo, tornando-se mais capazes de compreender os outros, o que promove uma interação significativa e satisfatória. Para que esse desenvolvimento ocorra, as histórias devem ser bem contadas, despertando o interesse dos pequenos.

As narrativas perdem sua natureza de sagas locais e se transformam em Contos de Fadas, conforme discutido por Franz:

"Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, cuja forma se cristalizou, permitindo que seja contada e memorizada com mais facilidade, tocando as pessoas de forma mais direta." (1981, p. 33)

A distinção entre mito e conto folclórico é complexa. Segundo BETTELHEIM (1979, p. 34), pode-se afirmar que ambos surgem de sociedades pré-literárias: "Esses contos oferecem insights profundos que sustentaram a humanidade ao longo de suas vicissitudes, uma herança transmitida de forma simples e direta, especialmente às crianças". (BETTELHEIM, 1979, p. 34).

Por meio da leitura dos Contos de Fadas, podemos compreender as questões que permeavam o pensamento de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade são transmitidas por meio das histórias contidas nesses contos, em uma linguagem simples que oferece significados em todas as idades.

## **O UNIVERSO DO CONTO DE FADAS**

No século XVIII, com a distinção entre infância e vida adulta, o mundo dos contos de fada

adquire tons mais alegres. É nesse contexto que a redenção chega às histórias, culminando em finais felizes, conforme destacado por Antônio Edmilson. Foi nesse período que autores como Perrault, os irmãos Grimm e mais tarde Andersen entraram em cena. Eles não foram os primeiros a transcrever as narrativas camponesas, mas foram os mais bem-sucedidos em adaptá-las ao gosto da nobreza e das crianças. Perrault, por exemplo, inseriu observações sobre os costumes e a moda das elites em suas versões para conferir uma identidade à nação francesa.

O que o escritor realizou em "Contos da Mamãe Gansa" de 1697 foi, de certa forma, similar ao que os contadores faziam nas aldeias: adaptar um enredo comum à sua realidade, suprimindo detalhes violentos ou de teor sexual e incluindo a "moral da história". A adaptação ao gosto do narrador é uma característica que perdura ao longo do tempo. Por exemplo, em uma história chinesa do século 9, uma jovem chamada Yeh-Hsien é auxiliada por um peixe mágico que lhe dá chinelos de ouro para usar numa festa da aldeia. Ao retornar para casa, ela perde um dos chinelos, que acaba nas mãos do governante. No desfecho, o líder local se encanta pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com as práticas chinesas de enfaixar os pés das meninas para que não cresçam. As diferenças culturais são evidentes, mas as origens de Cinderela podem ser identificadas nessa narrativa.

"Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um conto escrito tem sua forma fixada. Mas o que a escrita fixa, o leitor e o ouvinte reescrevem, adaptando à sua própria experiência", como aponta Marisa Lajolo. Assim, quem narra uma história sempre acrescenta algo, seja na China do século IX, na França do século 18 ou nos tempos atuais.

A transformação dos contos de fadas em narrativas mais amenas e menos brutais não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo, como salienta Corso (2006, p.29). Por exemplo, já no início do século XIX, nas diversas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível observar o gradual suavizar das tramas e personagens, como a metamorfose da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (1998), a obra mais célebre de Perrault foi intitulada "Os Contos da Mãe Gansa", onde a *Mère l'Oye* era uma figura de velhas narrativas populares, muito conhecida pelos franceses: sua incumbência era contar histórias para seus filhotes encantados.

Com a publicação dos oito Contos da Mãe Gansa, a literatura infantil, hoje reconhecida como clássica, teve seu nascimento. Pela primeira vez, obras como "A Bela Adormecida no Bosque", "Chapeuzinho Vermelho", "O Barba Azul", "O Gato de Botas", "As Fadas", "A Gata Borralheira", "Henrique do Topete" e "O Pequeno Polegar" foram apresentadas, derivadas dos antigos *lais* ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, ao longo do tempo, por meio de transformações e fusões com textos de outras origens, haviam perdido seus significados originais (Coelho, 1988, p.68).

Schneider e Torossian (2009) destacam outras características presentes nos contos de Andersen, que o consagram como o pai da literatura infantil: "a literatura destaca três pontos cruciais que tornam a obra de Andersen única: a representação da criança por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e narrativas em que o protagonismo é ocupado por uma criança" (2009, p.137).

Coelho (1998, p.78) conclui afirmando que: "Em todos os contos de Andersen, percebe-se o esforço de racionalizar o imaginário em prol de um mundo real mais gratificante para todos os indivíduos."

Os antigos modelos autoritários, nos quais a criança era vista apenas como receptora passiva de normas, devem ser substituídos por uma literatura emancipatória, que atribui à criança um papel ativo, incentivando o desenvolvimento de sua capacidade crítica para que possa se tornar um agente de transformação. A literatura instiga a criança a questionar sua posição no mundo, considerando que a compreensão do mundo começa quando a criança estabelece uma conexão com o livro e, a partir disso, constrói significados para sua realidade. É relevante ressaltar que, no contexto da literatura infantil, essa interação entre o leitor e o livro pode ser mediada por um adulto leitor.

É crucial orientar as crianças de forma lúdica, sem pressões ou traumas, para que consigam estabelecer relações enriquecedoras entre o universo literário e seu mundo interior, formando assim uma consciência que facilite suas interações com o mundo real que estão descobrindo diariamente e no qual precisam aprender a se posicionar com segurança para agir (COELHO, 1987, p.29).

Diversos autores, ao discorrer sobre a imaginação, buscam defini-la em termos conceituais. Segundo Girardello (2011, p.76), "a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de desconexão em direção ao possível, seja realizável ou não".

Segundo Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil, em sua essência, é antes de tudo literatura e arte, um fenômeno criativo que representa o mundo, o homem e a vida por meio da palavra, amalgamando sonhos e a vida prática, onde o imaginário se confunde com a realidade, os ideais e suas possíveis realizações.

Os contos de fadas desempenham um papel crucial na formação e aprendizagem das crianças, sendo formas simbólicas que despertam uma variedade de sentimentos. Ao ouvirem histórias, as crianças embarcam em um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo, tornando-se capazes de compreender os outros e promovendo interações satisfatórias e significativas.

Conforme Franz (1981, p. 33), "Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, cuja forma se cristalizou, facilitando sua memorização, tocando diretamente as pessoas."

Por meio da leitura dos Contos de Fadas, é possível vislumbrar as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, transmitindo vivências e experiências que sustentaram a humanidade por meio das histórias contidas nesses contos, em uma linguagem simples que oferece significados em todas as idades.

Caldin (2001, p. 32) destaca que:

Na década de 1950, o Brasil enfrentou uma crise de leitura com a ascensão do cinema e da televisão, relegando a poesia a segundo plano, sendo suplantada pela imagem. Os festivais de música popular brasileira resgataram a poesia, abrindo caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, oprimida pela ditadura, buscou através da metáfora uma forma de denunciar o governo.

Turchi (2009, p. 14) aponta que:

Na atualidade, há uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, das narrativas mitológicas grega, africana, indígena, entre outras. Além disso, há uma revisitação dessas histórias antigas, muitas vezes com uma abordagem de paródia ou desconstrução através do humor ou crítica dos valores ou paradigmas sociais, refletindo os avanços contemporâneos nas artes gráficas e a presença de elementos da contemporaneidade na caracterização do tempo, espaço e conflitos.

Deste modo, a literatura atual preserva elementos dos contos de fadas, abordando preocupações com os problemas da vida cotidiana por meio de livros adaptados às demandas sociais e culturais.

## **CONTAR E ESCUTAR HISTÓRIA**

A importância de contar e escutar uma história é fundamental no desenvolvimento infantil e na compreensão da vida interior. Segundo Freud (citado por Fromm, 1962), os sonhos, assim como os mitos e os Contos de Fadas, são expressões significativas do inconsciente e constituem um fenômeno humano universal. Nas histórias, a sequência de eventos representa a experiência interna do herói - a história latente - por meio de uma linguagem simbólica.

Quando as crianças leem ou escutam histórias, entram em contato com seu material inconsciente e latente. Ao se identificarem com os personagens, conseguem avaliar as situações de forma mais objetiva. Ao se envolverem com os processos internos e ao se identificarem com os personagens, os contos permitem que as crianças observem a situação de fora, o que ajuda a perceber melhor o problema apresentado e as possíveis soluções.

É importante ter em mente que, ao analisar os significados dos contos, é possível haver uma ênfase excessiva em certos aspectos que não eram proeminentes em narrativas mais antigas. As histórias podem auxiliar as crianças na elaboração e superação de dificuldades psicológicas complexas, pois proporcionam a construção de uma ponte entre o inconsciente e a realidade. Cada história possui uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente, e mesmo que a criança não expresse sua compreensão da mensagem contida na história, isso não significa que não tenha sido assimilada.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou permitir que ela o leia sozinha, é crucial para o desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos desempenham um papel essencial no mundo infantil, atuando como mediadores entre a criança e a realidade, contribuindo para a resolução de conflitos e a estruturação da personalidade, por meio dos simbolismos representados pelos personagens.

As histórias e os contos guardam a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização, estimulando a capacidade de sonhar e o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa. Contar e ouvir histórias não só desperta a imaginação, mas também cria uma conexão entre a história e a vida real do ouvinte, seja criança ou adulto.

Os contos de fadas desempenham um papel significativo no processo de ensino-aprendizagem e possuem uma forte influência na cultura brasileira. Através dessas narrativas, é possível observar os problemas internos das pessoas, especialmente das crianças, e suas interações em qualquer sociedade. A literatura infantil reflete a cultura de um povo e é essencial no universo infantil.

Os contos de fadas oferecem insights sobre tempos antigos, revelando diversos estilos de

vida, criações e muito mais, permitindo a evolução contínua ao passar de geração em geração. A presença de elementos mágicos, personagens em busca de tesouros, heróis com poderes extraordinários e outros aspectos desperta a curiosidade das crianças pelo mundo literário, indo além de simples narrativas e explorando os aspectos emocionais de cada indivíduo.

Desde o momento em que nascemos, somos envolvidos por histórias que vão além do conteúdo narrativo. Elementos como o cheiro das pessoas que nos contam, a voz suave e sussurrante, o contato físico, o ambiente acolhedor, os diferentes sentimentos que as histórias despertam - medo, dor, suspense, esperança, mal, bem, romance - todos esses aspectos contribuem para nos cativar.

A experiência com a leitura desempenha um papel crucial na formação do leitor, sendo essencial para adquirir o hábito da leitura. Antes que se torne um hábito, é necessário desejar ler, sentir prazer no ato de ler e se deliciar com o que está sendo lido. Essa conexão não ocorre de forma espontânea.

Conforme Bettelheim (1980):

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, ela deve ser envolvente, estimular a criatividade e enriquecer a vida da criança, promovendo o desenvolvimento da imaginação, ajudando a expandir o intelecto, clarificar as emoções, estar em sintonia com as ansiedades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a inquietam (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Para a criança, as histórias são como brinquedos pendurados no berço. Elas fluem das palavras suaves das mães em uma harmonia doce e tranquila, assemelhando-se à música. Ao ouvir os sons da voz materna, a criança pequena descobre o prazer de brincar com as palavras, explorar os mistérios dos sons, aprender sobre sílabas e palavras. Esse contato constante enriquece seu vocabulário, desenvolve sua habilidade de estruturar a linguagem e potencializa suas capacidades criativas. As crianças desfrutam da criação de palavras e, a partir delas, dão vida às suas ideias e imaginação.

Augusto Cury (2003, p. 27) destaca a importância de exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que varie de tom ao contar histórias:

É essencial produzir gestos e reações que expressem o que as informações lógicas por si só não conseguem transmitir. Muitos pais e professores, apesar de possuírem vasto conhecimento acadêmico, podem ser demasiado rígidos e formais, prejudicando a conexão com seus interlocutores.

O ato de contar uma história vai além do entretenimento; ele estimula a imaginação e auxilia a criança a organizar sua fala, promovendo coerência e realidade. A visualização, a experiência sensorial e a audição são as primeiras disposições na memória das pessoas. Contar histórias é uma experiência interativa que estabelece um relacionamento cordial entre o narrador e os ouvintes, aproximando os envolvidos. Os contos enriquecem o espírito, iluminam o interior e capacitam os indivíduos a se tornarem protagonistas na resolução de problemas e mais flexíveis na aceitação das diferenças.

É crucial que os professores incorporem a prática de contar histórias e se envolvam no mundo infantil, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais agradável e significativo para os alu-

nos. Essa abordagem não só promove a conexão emocional e cognitiva, mas também estimula o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da empatia nas crianças, fortalecendo a relação entre educador e educando.

A descoberta da infância levou a ajustes nas histórias para atender à imaginação e necessidades das crianças, com narrativas que passaram a ser contadas por amas, governantas ou cuidadoras, imortalizando contos de origem popular.

Segundo Abramovich (1997, p.98):

Ler para uma criança não deve ser feito de qualquer maneira, selecionando aleatoriamente um livro da estante. É essencial estar familiarizado com a história, pronunciar corretamente palavras, compreender a construção das frases e transmitir emoção genuína ao narrar, para que essa emoção seja transmitida ao ouvinte.

Contudo, o problema surge quando as crianças têm acesso apenas a adaptações dos contos, muitas vezes distantes do texto original, o que pode resultar na perda de conteúdos relevantes da história. Tem-se optado por tornar as histórias mais leves e menos assustadoras para os pequenos leitores, mas temas como abandono, diferenças raciais, fome e morte fazem parte da vida de todos, inclusive das crianças, e não devem ser totalmente excluídos das narrativas.

Freud (citado por Fromm, 1962) observou que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo expressões importantes da vida interior. As crianças, ao lerem ou escutarem histórias, entram em contato com seu material inconsciente, identificando-se com os personagens e avaliando situações de forma mais objetiva. Isso permite que as crianças se distanciem das situações, facilitando a compreensão dos problemas apresentados e das possíveis soluções.

Vygotsky (2003) destaca a importância do desenho na primeira infância, pois há uma ligação intrínseca entre a personalidade da criança e seu interesse pelo desenho. O desenho permite que as crianças expressem suas inquietações de forma mais fácil, concentrando suas forças imaginativas criativas nessa atividade, o que é crucial para o desenvolvimento infantil.

A leitura e a contação de histórias desde os primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais para o desenvolvimento de competências e habilidades que levam à autonomia como leitor. As práticas de leitura podem ser realizadas de diversas maneiras, seja de forma oral ou silenciosa, compartilhada ou orientada.

Como afirmou Patrini (2005, p.103):

O conto oral é uma das formas mais antigas de expressão, transmitido através da voz, preenchendo diversas funções ao redor do mundo, transmitindo conselhos, normas, valores e explorando desejos sonhados e imaginados, difundindo a sabedoria de gerações passadas.

Os contos sempre estiveram presentes em nossas vidas, incentivando o gosto pela leitura de maneira significativa. Segundo Rodrigues (2005), a contação de histórias estimula a imaginação e a transição entre o fictício e o real. Ao preparar e contar uma história, o narrador e os personagens tornam-se uma extensão de nós mesmos, ampliando nossa experiência vivencial através da narrativa do autor. Os elementos fictícios da história se materializam em sentimentos e emoções que transcendem a ficção e se refletem na vida real.

A leitura desempenha um papel crucial na construção do conhecimento e no crescimento intelectual de indivíduos em geral. No entanto, por vezes, ela não é abordada de forma eficaz devido a lacunas no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Muitas vezes, isso ocorre devido à falta de conhecimento do educador ou à ausência de uma abordagem adequada em relação ao conceito de leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias desempenha um papel crucial no desenvolvimento da criança, permitindo-a adentrar o mundo da imaginação e, conseqüentemente, da criatividade. Ao entrar em contato com a literatura, a criança participa de uma ação pedagógica mesmo que essa não seja a função primordial da narração oral ou do texto literário.

Tanto a leitura quanto a narração oral permitem que o ouvinte experimente o papel de coautor, ampliando o repertório cultural de forma cumulativa. Quanto mais histórias uma criança ouve e quanto maior o seu envolvimento orgânico com as artes, maior será a dimensão cultural percebida por ela.

As crianças que têm acesso às histórias desenvolvem sua imaginação, criatividade, discernimento e senso crítico. Ao se tornarem ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas.

A contação de histórias pode ser adaptada para diversas faixas etárias, com intervenções na metodologia, organização e estratégias de acordo com as necessidades específicas de cada faixa etária. Ao contar uma história, é essencial que o contador estabeleça contato visual com as crianças, mantendo o olhar nos olhos dos ouvintes para estabelecer uma comunicação eficaz.

As contações de histórias têm o poder de desenvolver várias habilidades nas crianças, proporcionando diversão, prazer, convívio produtivo, estímulo intelectual, desenvolvimento harmonioso, autocontrole e autorrealização. Contar histórias é brincar com palavras, sonhos, imaginação, expressões e sentimentos, permitindo ao contador mergulhar na vida dos personagens e se entregar aos ouvintes.

Os benefícios dessa prática incluem melhorias significativas na aprendizagem de conteúdos, na socialização, na comunicação entre colegas e professores, na criatividade, no desenvolvimento de novos sentimentos e no comportamento em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante. 2003.

DIAS, Ana Flávia Araújo. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil**. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KUPSTAS Márcia. et al. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.

MIRANDA Marília Gouvêa. **O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança**. In: **Psicologia social: O homem em movimento**. LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.